

## A NOÇÃO DE PAISAGEM E SUA CONSTRUÇÃO NO ÂMBITO DA CIÊNCIA GEOGRÁFICA

### THE NOTION OF LANDSCAPE AND ITS CONSTRUCTION IN THE CONTEXT OF GEOGRAPHIC SCIENCE

**Nair Glória Massoquim**

Pós-Doutora em Geografia (Universidade de Coimbra - Portugal), PhD em Geografia (Universidade de São Paulo USP), Docente da Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR Campo Mourão)  
E-mail: [nmassoquim@gmail.com](mailto:nmassoquim@gmail.com)  
Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-3978-2639>

#### RESUMO

O estudo da paisagem, em todo o seu contexto, é um assunto polêmico; isso se deve, em parte, à gama de áreas de conhecimento que discute sobre 'paisagem', e a série de definições atribuídas a este conceito, tanto pela ciência como pelo senso comum. Neste artigo o objetivo é abordar a trajetória da 'paisagem' no campo da Geografia, e tecer algumas considerações sobre as demais áreas que produziram contribuições. Ainda, são abordadas as discussões de 'paisagem' pelos percursores (clássicos) da ciência geográfica, e, a posteriori, pelos seus seguidores na interpretação desses debates e na formação das escolas da paisagem. Dessa forma, busca-se fazer uma avaliação dos resultados da interação entre elementos naturais e humanos, e das percepções na evolução do conceito de 'paisagem'. Sabe-se que desde o século XV a PAISAGEM é representada, especialmente, pelas manifestações artísticas, por meio de desenhos da superfície terrestre, na representação da pintura por renomados pintores, ou ainda nas formas de jardins, carregados de significados e simbologias, para contemplação e lazer. Observando toda a trajetória deste conceito, é por meio da ciência geográfica que a transformação da paisagem em conceito científico se concretiza.

**Palavras-chave:** Ciência Geográfica; teoria; Ciência da Paisagem.

#### ABSTRACT

*The study of landscape, in its entirety, is a controversial subject; this is due, in part,*

*to the range of fields of knowledge that discuss "landscape," and the series of definitions attributed to this concept, both by science and common sense. This article aims to address the trajectory of "landscape" in the field of Geography and offer some considerations about the other fields that have produced contributions. Furthermore, it addresses the discussions of "landscape" by the (classical) precursors of geographical science, and, a posteriori, by their followers in the interpretation of these debates and the formation of landscape schools. Thus, the article seeks to evaluate the results of the interaction between natural and human elements and the perceptions in the evolution of the concept of "landscape." It is known that since the 15th century, LANDSCAPE has been represented primarily through artistic expressions, such as drawings of the earth's surface, paintings by renowned painters, and even in the forms of gardens, laden with meaning and symbolism, for contemplation and leisure. Observing the entire trajectory of this concept, it is through geographical science that the transformation of landscape into a scientific concept was achieved.*

**Keywords:** Geographical Science; theory; Landscape Science.

## INTRODUÇÃO

Conforme se sabe, a discussão do termo e conceito de paisagem não é um tema antigo na ciência geográfica, pois geralmente está referida ao século XVIII. Contudo, sabe-se que a sua representação, na arte e na pintura, está relacionada a períodos mais antigos. A paisagem sempre foi vislumbrada como uma representação do espaço geográfico, sendo vista como uma categoria de análise que trata o espaço geográfico nos vários aspectos da superfície terrestre, desde os atributos naturais às manifestações sociais desenvolvidas pelo homem. É um organismo vivo, da qual o homem faz parte, modificando ou apenas atuando nesse conjunto. Levado a sua necessidade, o homem tanto preserva quanto interfere na paisagem, sendo que nos últimos anos (seguindo o modo de produção capitalista e o desenvolvimento tecnológico) o homem foi além das necessidades básicas (Masseto; Oliveira-Costa, 2010). Isso interferiu na relação sociedade/natureza, na qual a paisagem foi fortemente alterada.

A discussão dos precursores da geografia no âmbito da 'paisagem', apesar de se ajustar à discussão atual, e servir como parâmetro de discussão, por vez, não converge com a realidade atual do debate da paisagem. Sabe-se que a paisagem é tema emergente especialmente a partir da sistematização

da Geografia (1870). Para seu entendimento podem ser contemplados vários aspectos, mesmo aqueles que remetem à origem do planeta. Por estar presente nas formas da natureza e, mais tarde, na combinação entre sociedade/natureza, a paisagem, desde a sua origem, foi se adaptado aos diversos tipos de usos do espaço geográfico e assim, criando novas formas de abordagem. No entanto, pode-se dizer que embora haja uma discussão recente na abertura à novas modalidades, sua observação é bastante antiga. Em termos de método, o estudo da paisagem vem desde o positivismo lógico com as escolas alemã e francesa, tendo evoluído depois com as discussões a cada mudança de paradigma dentro de cada corrente do pensamento geográfico.

Há ainda a ideia de paisagem enquanto domínio, observação holística, como em Humboldt (1810), sendo um ponto de vista ligada aos aspectos da natureza (clima), em que na paisagem natural verticalizada (como as montanhas e picos) são materializadas as diferenças de temperatura na formação de novas paisagens. Isso porque, na medida em que as temperaturas contornavam as paisagens dos montes alpinos, apareciam os diferentes tipos de espécies, algumas mais raras, cuja classificação estava especialmente ligada à botânica.

Numa retrospectiva dos estudos da paisagem no início do século XX, é destacado um momento no qual as discussões conceituais voltam-se ao estudo da paisagem enquanto cultura (Sauer, 1920), afastando a 'paisagem' da botânica e a aproximando da geografia cultural. Nesta abordagem, a paisagem passa a ser considerada como resultado da interação da atividade humana com o meio natural. Contudo, não se descarta que já com Humboldt e Ritter ocorreram as primeiras concepções da paisagem como influência mútua entre a natureza e a cultura.

Com a nova mudança de paradigma entre os anos 1950 e 1970, as discussões sobre os problemas geográficos entram em outro viés – as discussões passam a ser enfáticas do ponto de vista da "Geografia Pragmática". Nesse ínterim, o estudo da paisagem fica praticamente 'esquecido', sendo retomado numa fase posterior dentro da Geografia crítica, quando a abordagem passa para uma discussão mais contraditória, na qual a paisagem passa a ser debatida também como a materialização da atividade humana.

Ao que se sabe, a paisagem descrita pelos geógrafos é diferente

da paisagem expressada pelos pintores, mas na discussão humanizada se assemelham (na subjetividade) em virtude da harmonia das formas e das cores (Massoquim, 2010). A paisagem do geógrafo é resultado de diferentes pontos de vista, mas também de sucessivas mudanças nas quais se enquadram os mais variados aspectos, desde atributos geoecológicos à questões socioeconômicas.

O presente artigo tem como objetivo abordar a 'trajetória da paisagem' no campo da Geografia, discutindo algumas considerações sobre as demais áreas que produziram contribuições neste âmbito.

## **A ABORDAGEM TEÓRICA DA PAISAGEM**

No debate sobre 'paisagem' sempre ocorrem mudanças conceituais, porque em cada fase da história deste conceito a noção de paisagem tem sido influenciada pela ciência, com seus métodos de abordagem, mas também pela filosofia (ao refletir sobre o sentido das coisas). Portanto, é compreensível que a paisagem se relaciona com religião, com a estética e a política.

O termo e o conceito de paisagem tomaram uma dimensão expressiva nos últimos anos, o que torna ainda mais difícil definir com precisão o conceito de paisagem, considerando que há uma gama de áreas de conhecimento que estão inseridas no debate. Mesmo estando algumas destas áreas já consolidadas como ciências, cada uma atribui os significados conforme o seu interesse de uso. Para além disso, destaca-se que a paisagem está presente no discurso acadêmico, mas também faz parte do vocabulário comum (Massoquim, 2010).

As primeiras manifestações que se tem conhecimento da representação da paisagem se deram por meio de pinturas rupestres, como destacado por Maximiano (2004, p. 84):

As expressões desta memória e da observação podem ser encontradas nas artes e nas ciências das diversas culturas, que retratavam inicialmente elementos particulares como animais selvagens, um conjunto de montanhas ou um rio. As pinturas rupestres são uma referência para esta percepção direcionada a alguns componentes do ambiente.

Como descrito na literatura, as pinturas rupestres da França em Lascaux (um complexo de cavernas ao sudoeste da França, famoso pela decoração com suas pinturas rupestres) e norte da Espanha, foram as primeiras concepções conscientes de paisagem expressadas pelo ser humano. Esse tipo de arte são os registros mais antigos de observação a respeito da paisagem e podem datar de 30 a 10 mil anos a. C. (Maximiano, 2004). Esses desenhos, ou pinturas, interpretando a ocupação do espaço geográfico, testemunham os diferentes tipos de paisagem, natural ou cultural (Figura 1).

**Figura 1 - Pinturas Rupestres em Paredes Rochosas e Tetos de Cavernas**



Fonte: <https://www.meisterdrucke.pt/impressoes-artisticas-sofisticadas/Prehistoric/313290/Pintura-rupestre-mostrando-um-cavalo-e-uma-vaca%2C-c.17000-aC-%28pintura-rupestre%29.html>. Organizado por Massoquim (2024).

A representação artística dessa arte vem desde a pré-história desenhadas em paredes, tetos e outras superfícies de cavernas e em abrigos rochosos, ou mesmo sobre superfícies rochosas ao ar livre. Conforme a Figura 1 (“A”, “B” e “C”), identificam-se pinturas rupestres a qual foram identificadas por um grupo de investigadores como sendo pinturas de 17 mil anos. Esta teria sido encontrada juntamente com outras que formam em conjunto de uma das maiores coleções de arte rupestre indígena do mundo.

como ambiente vivido e/ou captado pela consciência humana, a paisagem, de alguma maneira sempre existiu junto com os seres humanos, levando ora à utilização prática de seus recursos, ora à contemplação e encantamento (Maximiano 2004, p. 85).

No senso comum, a paisagem esteve sempre associada ao belo, ao exótico, enquanto que a paisagem, em sua representatividade, deve ser vista como o todo. Para Bertrand (2007) isso se deve muitas vezes a raiz do vocábulo

paisagem, ou ainda pelas primeiras manifestações estarem ligadas a pintura, por esta ter sido o primeiro veículo de registro das paisagens. Exceto nas últimas décadas, a 'paisagem' esteve sempre associada a representação de uma figura humana ou natural, concebendo a beleza ou ostentação ('paisagem representada nas artes plásticas').

O registro da paisagem ocorreu primeiro na pintura, sob o olhar mais atento e minucioso de pintores, tanto ocidentais como orientais. No século XV, em pinturas de Fra Angelico, de Toscana, Jérôme Bosch, da Holanda, e, ainda antes, nas aquarelas de Dürer, depois nos esboços de Da Vinci, a paisagem daria lugar às figurações simbólicas, alegóricas, ou às paisagens decorativas, apenas servindo de pano de fundo ao tema cultural antropomórfico (Maximiano 2004, p. 85).

Albrecht Dürer marcou a história da arte ocidental ao fazer a primeira aquarela de paisagem retratando uma visão precisa, um avanço considerável no uso dessa técnica. Uma amostra da representação dessa paisagem encontra-se na Figura 2, juntamente com registros de outras memórias históricas de diferentes autores.

**Figura - 2 A Pintura como primeiro registro da paisagem - século XV**



Fonte: Organizado por Mazzoquim (2023).

“O Homem Vitruviano” está aí representado (Figura 2), porque a obra retrata o ideal clássico de equilíbrio, beleza, harmonia e perfeição nas proporções do corpo humano. Trata-se de um esboço da Renascença, representada por uma mistura matemática e arte, ressaltando o profundo entendimento de Leonardo Da Vinci sobre proporções.

Na geografia, paisagem emergiu então, sob a influência da noção evolutiva da paisagem pitoresca, de representar cenários da natureza através da pintura, e da arte de ornamentação de jardins. Mas, também da sua noção literária, associada a uma concepção estética, assumindo nessa ciência, caráter estético-descritivo, considerando a morfogênese e a magnitude dos objetos para fins de classificação dos elementos da natureza (Barbosa; Gonçalves, 2014, p. 96).

Na pintura, a paisagem é resultado da busca da reprodução de um fragmento da natureza, um enquadramento do que poderia ser observado a partir de uma janela, de um muro, um campo de cultivo ou ainda, de um penhasco a beira mar, onde a paisagem é única e preponderante. Nesse momento, como se entende, a paisagem pintura serve como artigo de decoração, escamoteando o homem na ação da paisagem.

Ao tornar-se objeto perceptível e revestido de identidade e unidade, o termo paisagem se desprende de país e de terra e território, iniciando na arte o seu desenvolvimento. Os termos *paysage*, *paesaggio*, *paisasaje* e paisagem são contemporâneos ao momento em que a paisagem, como gênero de pintura, começa a ser explorada por artistas, portanto, muito mais próximo das artes plásticas do que da geografia (Myanaki, 2003, p. 13).

Contudo, mesmo que sem um termo ou conceito ainda definido, os geógrafos 'utilizaram' a paisagem desde o nascimento da Geografia, e também se valeram de pinturas para apresentá-la em suas abordagens. Não só os Geógrafos, mas antes deles os viajantes em suas representações de caminhos percorridos, também se utilizaram da paisagem para elaborar manuais dos locais onde percorriam.

Para se referir a conceitos e termos, propriamente dito, é só no século XIX, com os naturalistas alemães, que o termo paisagem (*Landschaft*), adquiriu um significado científico e transformou-se em conceito, passando a ser mais difundido nos estudos geográficos; no entanto, pode-se dizer que os geógrafos se interessaram pelas paisagens desde que a Geografia foi constituída como disciplina. Por meio dos geógrafos os viajantes, que se utilizavam da geografia, apreendiam a natureza das regiões que percorriam. Contudo, até

o século XVIII a descrição da paisagem era difícil, pois faltavam palavras para falar das formas de relevo ou das rochas. Então os geógrafos tiveram mais autonomia e criaram uma taxonomia que permitiu classificar um número expressivo de plantas e animais. Esses estudos surgem com a primeira escola de estudos da paisagem, a Escola Alemã (Massoquim, 2010, p. 13).

As controvérsias do termo e do conceito de paisagem continuam fomentando discussões, dependendo da visão de cada autor, onde não é consenso que o surgimento do tema 'paisagem' se deu na pintura.

Em seu livro *Paysages politiques*, sintetiza muitas de suas ideias expostas nas páginas da Heródoto ao longo das décadas anteriores. Nele, Lacoste diferencia o mapa da paisagem – ele basicamente a achata e a planifica, servindo para reduzir o “acaso” do mundo, domesticando o espaço – e, finalmente, insere uma profunda discussão sobre as origens da paisagem, ausente ou superficial na grande maioria dos estudos da Heródoto. Ele explicita o recorte sobre seu conteúdo estético renascentista, e ressalta que não era a paisagem “real” (sic..) que figurava nas telas dos pintores do período – para o autor, só com o surgimento da fotografia, em fins do século XIX, que o interesse pela paisagem “real” se configurou (Lacoste, 1990, *apud* Name, 2010, p. 174).

Ao se perguntar sobre as razões para uma paisagem ser bela, Lacoste não é muito conclusivo, mas esboça uma teoria: a observação estratégica de paisagens em guerras e batalhas, para fugir e tentar encontrar o inimigo a partir de um ponto de vista. Essa atividade restrita aos grupos militares, popularizou-se e virou senso estético a partir de instrumentos óticos que variaram do binóculo à câmara cinematográfica, processo que escamoteou a dimensão estratégica e ideológica desta seletividade do olhar. Pois, segundo Lacoste, é um grupo dominante que escolhe o que é bom e o que é belo, e há uma estratégia implícita no que se quer revelar ou esconder (Name, 2010).

A despeito das expedições que ocorreram em território brasileiro como objetivo de investigações (nos séculos XVIII e XIX), eram os artistas os responsáveis pelo registro da paisagem (topografia, hidrografia, flora e fauna), embora não fossem “artistas plásticos”. “Não raro, nesse momento geógrafos também desenhavam e pintavam representando a paisagem” (Myanaki, 2003, p. 13).

Mas, no Brasil os geógrafos também partiram de outras perspectivas para os estudos da paisagem, sobre o território brasileiro:

Encontrar no Brasil, suas espécies minerais, botânicas, animais e índios estava no imaginário dos naturalistas do século XIX, que na época já travavam conhecimento sobre os trópicos. As paisagens brasileiras eram apresentadas em publicações de viagens e em toda uma gama de histórias que fascinavam a população europeia. Entre os que estiveram em solo brasileiro, no referido período, foram selecionadas as obras de Johann Emanuel Pohl (1782-1834 – austríaco), George Gardner (1812-1849 – escocês), Francis Castelnau (1810-1880 – francês), Louis Van Houtte (1810-1876 – belga) e Auguste Biard (1799-1882 – francês), para a compreensão das paisagens e dos desafios relacionados à experiência de campo e fazer científico (Morais *et al.*, 2023, p. 163).

Ainda sobre a compreensão da paisagem no Brasil, Maximiano complementa:

No Brasil do século XXI, o entendimento sobre paisagem é resultado das relações históricas do Velho e Novo Mundo que compartilham raízes comuns de história, cosmo visão e cultura. As escolas francesa e alemã de geografia influenciaram diretamente a concepção de paisagem entre os geógrafos brasileiros (Maximiano, 2004, p. 85).

Mas, antes de ser um conceito ou uma categoria de análise, a paisagem foi um termo, que cada área o definiu conforme suas referências. Na França, surgiu com a Renascença, com a denominação de *paysage*, mais ligada a noção de região, que considerava um espaço com delimitações. Na Espanha, o termo *paisaje* surgiu em 1708, para designar uma porção de terra que pode ser vista de um só lugar. Na Itália, o termo data do século XVII, denominado como *paesaggio* para retratar parte do país. Nas línguas germânicas derivam da palavra *land* (*landschaft*, do alemão; *landscape* do inglês e *landschape*, do holandês). Todas têm em comum o fato de se referirem a parte do país, campo, terra cultivada e de se associarem à beleza e harmonia. Em português (do Brasil), o estudo da paisagem, surgiu no período do descobrimento no qual a paisagem era transmitida por meio dos desenhos dos riscadores, para reportar aos europeus uma ideia da paisagem do território brasileiro.

Numa fase posterior, passou-se a análise das pinturas, fotografias e descrição dos lugares e deixou de marcar apenas parte dos aspectos vislumbrados, para indicar o todo. Por isso, para o estudo da paisagem passou-se a utilizar o método sistêmico com análise integrada dos atributos que a constitui (Massoquim, 2010). Contudo, é bom lembrar que a paisagens dos jardins também foram uma referência nos estudos da paisagem.

Voltando ao contexto da abordagem do Velho Mundo, o estudo da paisagem também pode ser associado a arte dos jardins. Os jardins desenvolveram-se no Mediterrâneo, Oriente Próximo, Zona Árida e na China (Figura 3). Em geral, eram trazidas para dentro das fortificações, diferentes paisagens (espécies), no intuito de proteger os habitantes contra as ameaças externas de outros povos ou das forças da natureza, cada país a utilizava conforme seus hábitos culturais. No Japão, diferente de outros países, o contato com a natureza, proporcionava paz e conforto espiritual.

**Figura 3 - Os Jardins - Representação da paisagem nas antigas civilizações**



Fonte: Organizado por Massoquim.

Ademais, os jardins também simbolizavam uma paisagem humanizada e os elementos que compunham a paisagem eram quase sempre trazidos da natureza. Exemplo disso foram os jardins da Babilônia. Dentro de uma zona desértica, foram construídos jardins que reproduziam todos os traços culturais e o verde, muitos deles "representavam paisagens das terras conquistadas" (De Angelis, 2005, p. 28, *apud* Massoquim, 2010, p. 13).

Apesar de os jardins serem uma representação muito antiga, é talvez a forma mais correta de representação da paisagem em certos países (pela sua morfologia e cultura). Até pouco tempo, os jardins não se situavam no corpo da geografia em virtude da pequena extensão que ocupavam e da limitação

na produção. Hoje, no entanto, considerando os atributos que o constituem (clima, natureza do solo, sistema de irrigação ou de adubação favorável à seleção de espécies cultivadas), entende-se que são particularidades que devem ser levadas em conta para o estudo da paisagem, em Geografia.

Atualmente, pode-se dizer que os jardins representam um estudo de paisagem, tomando como base os estudos elaborados por Troll (1950), que define a menor unidade de uma paisagem “o Ecótopo”, e numa fase posterior temos nas apresentações das discussões da paisagem a introdução do modelo Geossistêmico (1960/70...), onde a interpretação é efetivada segundo diferentes escalas de grandeza, conforme assevera Maximiano (2010) quando diz que:

Alfred Hettner (1859-1941), seguindo a linha de Siegfried Passarge (1867 -1958), preocupa-se com uma metodologia que inclua o homem no sistema, buscando uma globalidade da Paisagem. Já Carl Troll (1939), acrescentou ao conceito de Paisagem as abordagens contemporâneas da Ecologia. Ele definiu ecótopo como a extensão do conceito de biótopo à totalidade dos elementos geográficos, em especial os abióticos, desenhando, dessa maneira, o futuro conceito. Definiu também a Ecologia da Paisagem que, posteriormente, denominou-a de Geoecologia.

Já que se comentou sobre o Geossistema, deve-se falar como um dos percursores desse conceito (Sotchava), o abordava, na linha de discussão de paisagem:

o geossistema consiste em classes hierarquizadas do meio natural. Possui três escalas de grandeza: planetária, regional e topológica. A sua identificação parte de dois princípios: de homogeneidade e de diferenciação. Os geossistemas com estrutura homogênea são geômeros e os de estrutura diferenciada são os geócoros. A perspectiva sistêmica permite a identificação da diversidade de interações dos níveis internos de uma paisagem, sua funcionalidade, seu estado e suas relações com o meio (Sotchava, 1978).

## **A DISCUSSÃO DA PAISAGEM NUMA INTERPRETAÇÃO REFLEXIVA DOS ATUAIS GEÓGRAFOS SOBRE OS PERCURSORES DA GEOGRAFIA**

Apesar do debate acerca da paisagem reportar seu conceito para a geografia, registros assinalam que a paisagem em sua imagem foi concebida

desde a formação da natureza. Por isso, foi interpretada e registrada pelo homem por meio dos primeiros desenhos como traços, marcas, pinturas pitorescas nas cavernas (paredes rochosas), jardins (ainda na pré-história). Numa fase posterior, foram destaque as fotografias. Todos esses atributos servem como registros para identificar a ocupação de um determinado espaço, informações importantes posteriormente utilizadas por pesquisadores das várias áreas do conhecimento.

Não se pode esquecer que a maior busca pelos termos e conceitos da paisagem tem sido feita por meio dos percursos da geografia, como salientam Moura *et al.* (2010, p. 180):

Alexandre Von Humboldt é considerado o pioneiro nas concepções paisagísticas do século XIX. Humboldt foi um viajante que estudou a Paisagem em relação à vegetação, considerada por ele como o dado mais significativo para caracterizar um aspecto espacial. As diferenciações paisagísticas que ele observava deveriam permitir entender as leis que regem a fisionomia do conjunto da natureza, pela aplicação de um método às vezes explicativo e comparativo.

Ratzel, também de origem alemã, pode ser considerado outro precursor da geografia, embora não contemporâneo de Humboldt. Contudo, seus primeiros estudos não incluíam o homem como paisagem. O homem habitava um espaço, dentro de um território, ele representava apenas as condições de trabalho humano, desprovido do termo paisagem, tanto que - a paisagem na antropogeografia de Ratzel continuava a ser o ambiente natural, mas agora este ambiente incluía o homem, e todas suas reações e acontecimentos relacionados a ele, eram também naturalizados (Claval, 1977; Corrêa, 1997; Seemann, 2003).

Vidal De La Blache foi outro precursor contemporâneo a Ratzel. Ainda no século XIX, a teoria de La Blache concebia o homem como sendo o primeiro hóspede a habitar várias áreas na face do globo terrestre, os quais se habituará ao meio que os circundavam. Em sua envolvimento com a natureza, o homem, foi desenvolvendo técnicas, criando hábitos e costumes no uso da terra e dos recursos naturais disponíveis. A este conjunto de técnicas e costumes, Vidal denominou "gênero de vida".

Foi assim que a geografia humana também foi entendida como uma geografia de paisagem, sendo uma concepção de relação entre homem e natureza e não de uma relação entre homens. A geografia vidaliana se preocupou com agrupamentos, não sociedades, falou de técnicas e instrumentos não de processo de produção. Para ele o que interessaria à análise seria o resultado da ação humana na paisagem. Vidal de La Blache admitiu que o homem sofre influência do meio, mas que tudo é uma questão de contingência. Assim, o homem conseguiria sobreviver e evoluir, não determinado pelo meio, mas à medida que ele dominasse e transformasse a natureza (possibilíssimo). Na concepção de paisagem, La Blache admitia que havia uma influência que o meio exercia sobre o homem, mas que [...], “o sucesso do homem neste meio estaria relacionado à maneira e à medida que o homem conseguisse dominar e administrar o ambiente, ou seja, a paisagem e o homem se relacionavam em um caráter funcionalista” (Corrêa, 1998; Morais, 2003. p. 8).

Para Moura (2010), foi somente no século XX que passaram a aparecer várias correntes teóricas, onde muitas das novas abordagens buscavam romper com as teorias “tradicionais”, enquanto outras buscavam rever conceitos com métodos distintos, visando complementar as abordagens e concepções já elaborados, compreendendo que seria difícil romper com escolas e correntes já consolidadas.

Portanto, independente das críticas proferidas pelas escolas ou teóricos modernos, o fato é que para definir paisagem, todos, pouco ou muito, se utilizaram de ideias de percursos, especialmente entre os geógrafos, os historiadores e até áreas afins. Até porque, foi na geografia onde primeiro se decifrou o termo (a palavra paisagem), tanto que a temática já foi discutida como sendo seu objeto de estudo. Mesmo hoje, no contexto da renovação da geografia, recorrendo-se às diferentes vertentes desta ciência, ainda se encontram controvérsias no que diz respeito ao seu objeto de estudo, começando pelo mais comum a “superfície terrestre”. Esta concepção tem origem na tradição kantiana, que diz que a geografia é uma ciência de síntese, ou ainda, que trabalha com dados de todas as demais ciências. Foi por ser a paisagem a representação de um todo que alguns estudiosos a incluíram na discussão, enquanto objeto da Geografia, outros ainda a definem como a ciência das paisagens.

Mas, definir a geografia como a ciência das paisagens, não deu a ela, o apoio de que necessitava. Isso porque, apesar da contestação acerca da dicotomia geografia física/geografia humana, o homem e especialmente suas ações no espaço geográfico, na maior parte das discussões teóricas da paisagem (elaborada pelos percursores), foram deixadas de lado (Massoquim, 2010).

Para a geografia clássica, a paisagem resultava sempre das relações entre os fatores físicos, biológicos ou sociais. Mas, nota-se que não se apreendia o sentido que ela teria para os homens. O homem aparece como um mero objeto da paisagem. Sobre isso, Claval expõe “[...] os personagens têm aí um papel apenas secundário. A moldura que circunda o quadro substitui, na representação, a janela através da qual se efetua a observação” (*apud* Rosendahl; Corrêa, 2004, p. 13).

Nós insistimos em um lugar para uma ciência que encontra seu campo inteiramente na paisagem, na base da realidade significativa da ação corológica. Os fenômenos que compõem uma área não estão simplesmente reunidos, mas estão associados ou interdependentes. Descobrir essa conexão, para esse autor deveria ser a única tarefa da qual a geografia deveria dedicar suas energias.

O sentido mais elementar da inclusão do homem enquanto ser social em sua objetividade na paisagem, se deu por meio da Geografia Cultural norte-americana, com Sauer como expoente máximo. Para os geógrafos dessa escola a paisagem é considerada como o reflexo da cultura na qual foram construídas. Sauer (1925, *apud* Rosendahl; Corrêa, 1998, p. 17) considera que a cultura seria o elemento que molda a paisagem, transformando-a em paisagem cultural:

Nós insistimos em um lugar para uma ciência que encontra seu campo inteiramente na paisagem, na base da realidade significativa da ação corológica. Os fenômenos que compõem uma área não estão simplesmente reunidos, mas estão associados ou interdependentes. Descobrir essa conexão, para esse autor deveria ser a única tarefa da qual a geografia deveria dedicar suas energias (Correêa, 1998, p. 17).

Neste sentido, a discussão do tão polêmico objeto da Geografia, foi deixada de lado, para abordar a importância do estudo da paisagem, haja vista que com o processo de evolução o discurso de seu objeto já não era prioridade.

A notoriedade do conceito teve seus altos e baixos no decorrer da história da Ciência Geográfica. Ela já foi preterida por outros termos como, por exemplo, Espaço, Território e Lugar, categoria de análise da geografia, e conceitos-chave que guardam parentesco, pois, “todos se referem à ação humana modelando a superfície terrestre” (Corrêa, 2007, p. 16 *apud* Silva; Fonseca, 2018, p. 166).

Contudo, sabe-se que “o termo paisagem é extremamente polissêmico: se um geógrafo, um historiador, um arquiteto se debruçarem sobre a mesma paisagem, o resultado de seus trabalhos e a maneira de conduzi-los serão diferentes, segundo o olhar de cada um (Baldin, 2021, p. 5).

Por isso, se diz que as primeiras idéias acerca da paisagem, de cunho científico e associando geografia física/humana, floresceram ainda em Humboldt - foi ele como geógrafo que teve a perspicácia em observar a paisagem em três dimensões (altura espessura e extensão) (observação elaborada sobre a cordilheira andina) (Figura 4).

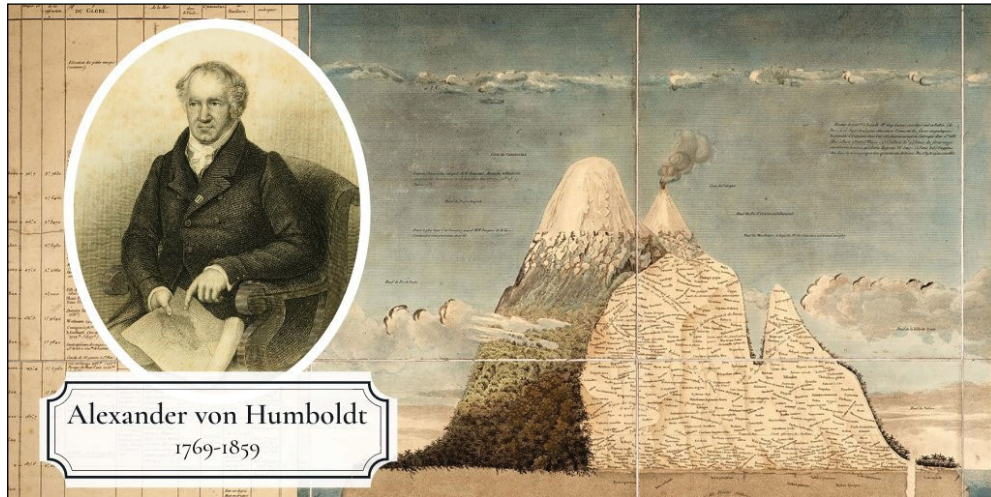
Humboldt, no século XIX, editou a obra *Vues dês Cordillères et Monuments des Peuples Indigènes de l'Amérique*, na qual apresenta uma seleção de paisagens que dão uma idéia de sua viagem a América, destacando ainda a parte cultural ao se referenciar aos monumentos dos povos indígenas.

Claval, ao se referir a Humboldt, diz que como as palavras não eram suficientes para explicar a paisagem, os geógrafos passam a ilustrar seus trabalhos com gravuras:

Alexandre von Humboldt edita *Vues dês Cordillères et Monuments des Peuples Indigènes de l'Amérique*, onde apresenta, em 69 pranchas comentadas, uma seleção de paisagens de páginas, muitas vezes em aquaelas, que dão uma ideia muito mais sugestiva do continente do que o poderiam fazer centenas de páginas de descrição (Claval, 2004, p. 16).

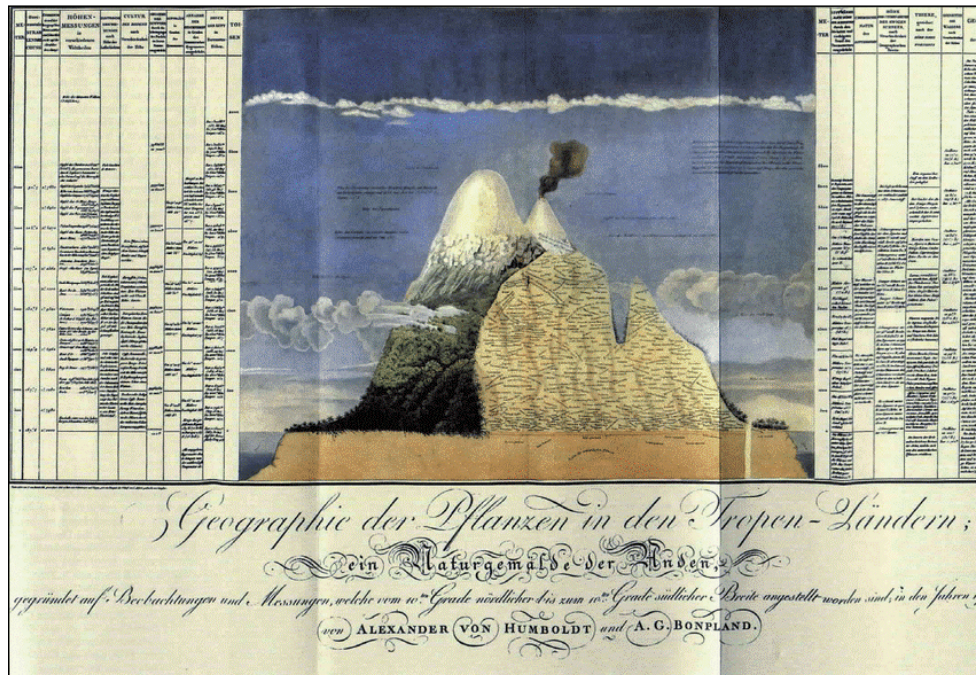
Para Maximiano “em suas análises, Humboldt partiu da observação da vegetação para caracterizar um espaço e das diferenças paisagísticas da vegetação para aplicar o método ao mesmo tempo explicativo e comparativo” (Maximiano, 2004, p. 86).

**Figura 4 - Alexander von Humboldt – pioneiro dos estudos de paisagem**



Fonte: Acervo da autora.

**Figura 5 - A paisagem geográfica representada na pesquisa científica de Humboldt**



Fonte: Acervo da autora.

Por isso se diz que “A escrita humboldtiana está toda ela fundamentada na observação, sendo que para ele era necessário “ver, ouvir e sentir a paisagem” (Humboldt, 1952 *apud* Vitte, 2008, p. 48). [...], ou ainda, autores como Alves (1997, p. 85) que ao interpretar Humboldt diz: [...] “a observação da paisagem deveria ser contemplada com sentimento”. Contudo, para Moraes (1983, p. 43). “Humboldt não se caracteriza como empirista porque conseguia aliar o trabalho empírico ao abstrato”.

Segundo Vitte (2008, p. 49), para Humboldt, a pintura de paisagens era tão importante quanto a escrita, tanto que dedicou um capítulo no *Kosmos* à pintura das paisagens no estudo da natureza (Humboldt, 1848-1862).

Para Humboldt, caberia ao pintor captar o caráter individual da paisagem e das interrelações de seus elementos, sendo importante considerar a luz e o olhar que tinham a função de captar o movimento da natureza, do horizonte, os limites e a organização da paisagem (Humboldt, 1848-1862).

É o momento em que o olhar procura captar o sublime que é dado pela transformação plástica da *Materie* em *Stoff*, cuja totalidade-plasticidade Goethe entende como sendo a paisagem (Vitte, 2007). Numa fase posterior, pode-se dizer que:

Os progressos da litografia e depois a descoberta da fotografia facilitaram a tarefa dos geógrafos “Humboldt se arruinou para publicar as magníficas obras ilustradas que permitiram compreender o que eram as paisagens naturais e as formas de ocupação do solo da Venezuela, países andinos, do México e de Cuba (Claval, 2004, p. 18). Sua viagem pela América ocorreu entre 1799 e 1804.

Ainda na Alemanha, diferente de Humboldt, no final do século XIX, Friedrich Ratzel, com sua obra *Antropogeografia*, na linha do racionalismo do positivismo ambiental, aborda sobre as relações causais que interagem na natureza. Neste sentido, Schier (2003, p. 82) assevera:

Ratzel [...] lança o conceito de paisagem em uma forma antropogênica, demonstrando que ela é o resultado do distanciamento entre o espírito humano do seu meio natural. Desta forma, descreve uma dialética entre os elementos fixos da paisagem natural, como o relevo, o solo, os rios, a vegetação e o clima, com seus elementos.

Nesse período, as concepções eram feitas com bases em trabalhos empíricos descritivos, cujo método era o positivista. Apesar de ser do período da renomada geografia clássica, sua importância estava na descrição de área, foi essa a forma que a geografia se estruturou. Essas ideias se consolidaram com a *Landschaftskunde*, uma ciência das paisagens, vista sob a ótica territorial, sob leis cientificamente observáveis.

A despeito dessas questões, as discussões não ficaram só com os geógrafos alemães. O geógrafo francês, Paul Vidal de La Blache, também desenvolveu análises que permitiram a elaboração de conhecimento sobre paisagens. Conforme assevera Maximiano:

Na França, o termo paisagem foi substituído por "região" e "gênero de vida", que são mais ligados à história do que aos elementos naturais. Entre os geógrafos franceses, as referências à paisagem seriam mais alusivas do que fundamentais. Até a década de 60, a paisagem em si não chegava a ser alvo de pesquisa na França. Na Alemanha, a paisagem era enfocada pela corrente naturalista, bem como o era o geossistema na URSS e Leste Europeu. Fica evidente a dificuldade de aplicar conceitos de paisagem à prática ou à uma finalidade concreta, com tal amplitude de concepções (Maximiano, 2004, p. 86).

Ademais, isso se deve ao caráter regional da geografia francesa, e ao fato da geografia confundir-se com geografia regional. Ainda, para La Blache - paisagem é definida conforme os hábitos e costumes de cada povoado (aldeia) e a vivência com seu entorno. Neste sentido Corrêa (2000, p.13) diz, "a paisagem geográfica tem, ainda, uma extensão territorial e limites razoavelmente identificáveis, nestes termos, a região é a expressão espacial da ocorrência de uma mesma paisagem geográfica".

Ao se referir a La Blache, Passos salienta a escola francesa, considerando que:

Na abordagem vidaliana, o estudo da paisagem repousa sobre um quadro vigoroso à base de análises históricas, de referências geológicas e climáticas, de pesquisas pessoais sobre os relevos, enfim, sobre pesquisas e cálculos estatísticos (...). É um monumental quadro geográfico, homogêneo, exaustivo, rico de observações e de uma excessiva apresentação literária. A descrição das regiões geográficas sustentava-se, sobretudo, na aparência das coisas, deixando na sombra as infraestruturas e seus funcionamentos. Esse painel fez, durante mais de cinqüenta anos, o renome da escola geográfica francesa (Passos, 2003, p. 52).

Conforme já se observou linhas atrás, a origem da palavra paisagem remete-se ao século XV, retratada a partir da pintura no final desse mesmo século e pela paisagem viva dos jardins. Já a concepção de paisagem como método de abordagem de um espaço geográfico, teve início em fins do século XIX, momento em que já se torna conhecida as abordagens de autores alemães e franceses. Mas, em muitos momentos de alguns períodos da história do pensamento geográfico, a 'paisagem' foi considerada como um conceito banal.

Para Maximiano (2004, p. 85), "este termo existe desde a Idade Média, para designar uma região de dimensões médias, em cujo território desenvolviam-se pequenas unidades de ocupação humana". A origem da palavra paisagem deriva do latim *pagus* (campo ou território cultivado).

Portanto, pode-se dizer que, o termo paisagem traz em sua história uma série de abordagens desde que surgiu e que ainda não se constituía em um conceito científico. Estudos mais sistematizados surgiram na Geografia e a partir das várias escolas de pensamento ligadas a Ciência da Paisagem (Massoquim, 2010).

Para Passos a paisagem que surgiu com os naturalistas, depois foi discutida no âmbito das diferentes escolas (alemã, francesa, soviética, anglo-saxônica), buscando "a análise de seus elementos para se chegar a visões de conjunto sobre os aspectos de uma dada porção do espaço" (Passos, 2015, p. 30).

Ou ainda conforme Souza:

No século passado, a abordagem paisagística passou por modificações importantes. De uma chave para a caracterização de áreas, a paisagem também se tornou um objeto de estudo em si, foco de modelos teóricos e metodológicos para aprofundar a compreensão sobre sua estrutura, funcionamento, evolução e o estabelecimento de tipologias para classificar os diferentes níveis de transformação dos meios naturais sob a influência ou o impacto direto das sociedades (Souza, 2015, p. 30).

Numa outra concepção importante sobre paisagem, Georges Bertand elaborou um conceito adaptado para um período mais atual, com a abordagem geossistêmica, pautada na relação dialética entre potencial ecológico, exploração biológica e ação antrópica:

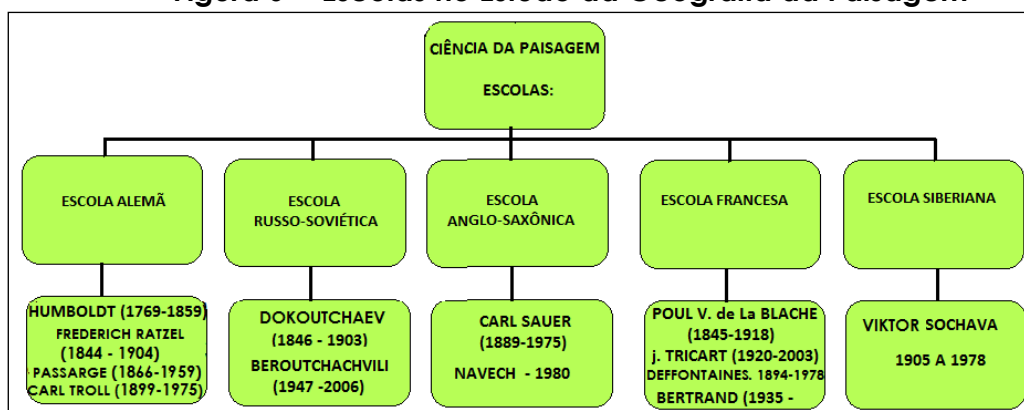
A paisagem não é a simples adição de elementos geográficos disparatados. É, em uma determinada porção do espaço, o resultado da combinação dinâmica, portanto instável, de elementos físicos, biológicos e antrópicos que, reagindo dialeticamente uns sobre os outros, fazem da paisagem um conjunto único e indissociável, em perpétua evolução (Bertrand, 2004 [1968], p. 141).

## **A IMPORTÂNCIA DAS ESCOLAS NO ESTUDO DA GEOGRAFIA DA PAISAGEM**

Foi ainda no século XIX que foram estruturadas duas grandes escolas da Geografia: a alemã de Ferdinand von Richthofen (1883) e a francesa de Vidal de La Blache (1899). A primeira utilizou o termo "*pays*", *paysage*, e a última usou o termo "*landschaft*", sendo que este se refere "a uma associação morfológica e cultural", como conjunto de elementos naturais com o ser humano; enquanto *pays* "tem um sentido mais estético, com um sentido de região, associado ao Renascimento e posteriormente à Geografia Regional" (Holzer, 1999, p. 152, *apud* Silva, 2016, p. 3; Baldin, 2021, p. 5).

É complexo falar da abordagem de paisagem pelos mais variados autores sem considerar as escolas de Ciência da Paisagem. Na verdade, as escolas podem ser abordadas entre as correntes do pensamento Geográfico, já que estas foram avançando ao longo do tempo histórico (Figura 6).

**Figura 6 - Escolas no Estudo da Geografia da Paisagem**



Fonte: Mateu Rodrigues (2000). Organizado por Mazzoquim (2018).

Quando se enfatiza a Escola da Paisagem, remete-se a Escola Alemã, sob a ótica dos naturalistas, botânicos, e atribui-se esse papel a Humboldt (1769-1859), com a denominação do termo Landchaft. Embora o conceito inicial de paisagem fosse produzido e direcionado na sistematização da ciência geográfica, já se destacava com Humboldt no século XIX. Segundo o seu pensamento, os elementos naturais estariam todos interligados, e por intermédio da paisagem era possível a verificabilidade do conjunto, onde era ressaltado o caráter estético. Apesar disso, tal conceito caiu em desuso nas discussões geográficas posteriores.

Ainda, outro renomado pensador foi Friedrich Ratzel (1844-1904). Mesmo não sendo um teórico propriamente da paisagem, este geógrafo alemão, de destaque entre os clássicos da geografia, foi precursor da corrente determinista, em seu discurso, não se remetia especificamente aos estudos da paisagem, mas, também fez parte da escola alemã de geografia na sequência de seus precursores, Humboldt e Ritter.

Mesmo que as teorias conceituando grande parte das obras de Ratzel estivessem focadas no determinismo geográfico e na Geopolítica, Maximiano (2004, p. 86) pontua:

Em fins do século XIX, Ratzel influenciou o conhecimento das paisagens, com sua linha de pensamento sobre as relações causais existentes na natureza. Na virada do século, suas ideias foram assimiladas pela Landschaftskunde, uma ciência das paisagens, considerada sob ótica territorial, ou seja, uma

expressão espacial, das estruturas da natureza, organizadas por leis cientificamente observáveis.

Outros precursores foram Passarge em 1919 e Carl Troll de 1936-50. Segundo Passos, Sigfrid Passarge merece destaque porque foi um dos primeiros autores a escrever um livro sobre paisagem “dando origem a uma ciência que a princípio se considerou um ramo da Geografia e que se denominou Geografia da Paisagem” (Passos, 2003, p. 32).

Nesse sentido pode-se dizer que também Carl Troll, foi um nome de suma importância para o desenvolvimento da Ciência da Paisagem. Esse renomado autor é considerado ‘pai’ da Ecologia da paisagem, incorporando o estudo da paisagem à Ecologia (mais tarde foi criada a Geoecologia ou Landschaftsologie, constituindo assim, a análise da paisagem que mais se prendeu a vegetação).

A vasta formação acadêmica de Troll lhe permitiu avançar nos estudos ecológicos. Além da formação em Geologia, química, biologia e física na Universität em München, em 1921 obteve seu título de doutor em Botânica, sendo que posteriormente, ainda se habilitou em geografia onde trabalhou no instituto de Munique. Nas décadas de 20/30 (1920/30), Troll também trabalhava em investigações na área de ecologia e geografia de terras montanhosas.

Mas, nessa mesma década, Troll, também fez incursões por vários países da América Andina, onde visitou o Norte do Chile, Bolívia, Peru, Equador e Colômbia, além do Panamá. Na década seguinte (1930), voltou suas pesquisas a países africanos e em 1954, encerrou suas viagens com a visita ao México.

Já na Escola Russo-Soviética as discussões tiveram origem com Dokouchaev (1846-1903), e posteriormente Beroutchatchvili (década 1980). Sobre este autor, Maximiano (2004, p. 86) destaca:

Em suas palavras, a paisagem “tem uma forma, uma estrutura, um funcionamento e uma posição dentro de um sistema, e este sistema está sujeito a desenvolvimento, transformação, aperfeiçoamento” (Rougerie; Beroutchatchvili, 1991, p. 31).

Na ex-União Soviética, o estudo da paisagem iniciou-se no século XIX com o nome de Geografia Física Complexa, sob a influência do edafólogo V. V. Dokoutchaev:

Para Dokoutchaev, o solo é resultado da interação dos elementos da paisagem, isto é, do complicado sistema de interações do complexo natural: a rocha mãe, o relevo, as águas, o calor e os organismos. Considera-se que esta formulação constitui o nascimento da ciência da paisagem (Passos, 2003, p. 35).

Pode-se dizer que apesar de estar mais ligada aos aspectos físicos da Geografia, a escola russa foi de fundamental importância para o desenvolvimento do conceito de paisagem. Contudo, também não se pode descartar a importância da Escola Siberiana, na qual teve fundamental importância V. B. Sochava, 1963, com seu novo método sistêmico, conceituando o Geossistema como:

Sistemas naturais, de nível local, regional ou global, nos quais o substrato mineral, o solo, as comunidades de seres vivos, a água e as massas de ar, particulares as diversas subdivisões da superfície terrestre, são interconectados por fluxos de matéria e energia, em um só conjunto (Passos, 2003, p. 36).

Para Sochava (1977, p. 9), os geossistemas “são formações naturais, experimentando, sob certa forma, o impacto dos ambientes social, econômico e tecnogênico”. Ele foi fundador da escola de geografia da Sibéria, tendo proposto a teoria do geossistema como uma reformulação das teorias da paisagem.

Na Escola Anglo-Saxônica da paisagem, são destacados Carl Sauer, 1925, referenciado por dar os primeiros passos na consolidação da paisagem enquanto cultura (paisagem cultural), posteriormente seguido por Naveh, 1980, com um novo método de estudo.

Schier (2003, p. 81) diz: “Também o geógrafo norte-americano Carl Sauer, representante da geografia cultural clássica, destaca que essa interação entre os elementos naturais e antrópicos é essencial no entendimento da paisagem”. Portanto, não se deve utilizar a dicotomia geografia física/humana para abordar a temática paisagem, tanto que Sauer, em “A morfologia da paisagem (1925)”, enfatiza:

Não podemos formar uma ideia de paisagem a não ser em termos de suas relações associadas ao tempo, bem como suas relações vinculadas ao espaço. Ela está em um processo constante de desenvolvimento ou dissolução e substituição. Assim, no sentido corológico, a alteração da área modificada pelo homem e sua apropriação para o seu uso são de importância fundamental. A área anterior à atividade humana é representada por um conjunto de fatos morfológicos. As formas que o homem introduziu são um outro conjunto" (Sauer, 1998, p. 42, *apud* Schier, 2003, p. 81).

Para Sauer, a paisagem cultural é a área geográfica em seu último significado. Suas formas são todas as obras do homem que caracterizam a paisagem, porque a paisagem cultural é modelada a partir de uma paisagem natural por um grupo cultural (Sauer, 1925, *apud* Correia 1998, p. 57). A cultura é o agente, a área natural é o meio, a paisagem cultural o resultado. Apesar de originário da Escola Anglo-saxônica, Sauer é também conhecido como o fundador da escola de Berkeley:

Sauer é considerado o fundador e expoente máximo da chamada Escola de Berkeley. Alguns discípulos de relevância em termos de produção na área são Philip L. Wagner e Marvin W. Mikesell, entre outros. Teve a Universidade da Califórnia, campus de Berkeley, como epicentro (Corrêa; Rosendahl, 2000, p.7-14). [...] "por mais justificadas que sejam muitas das críticas feitas à Escola de Berkeley, a "nova" geografia cultural tem, na vasta obra de Sauer e de seus discípulos, uma de suas necessárias matrizes" (Corrêa; Rosendahl, 2000, p.9).

Quanto a Escola Francesa (*école française de géographie*), teve como fundador Vidal de La Blache, nome influente na história do pensamento geográfico. Precursor da corrente possibilista, acreditava na influência recíproca entre o homem e o meio natural.

Foi La Blache que desenvolveu os estudos morfológicos da paisagem, onde discursava sobre o campo e o agrário, áreas nas quais desenvolveu os conceitos de região e paisagem. Seu método se pautava na observação e descrição dos objetos da superfície terrestre.

Para Strachulski (2015, p. 10):

Vidal de La Blache em suas análises mostra como as paisagens de uma região são o resultado da superposição ao longo da história das influências humanas e dos elementos naturais (Lacoste, 1988). A geografia humana, assim, foi compreendida como uma geografia da paisagem, encarregada de entender a relação entre grupos humanos e natureza e não de uma relação entre seres humanos.

Na escola francesa da paisagem, cada autor teve seu papel, embora com abordagens em diferentes métodos. Jean Tricart (1920-2003), em seu livro *Ecodinâmica*, considera a paisagem e os ecossistemas como sistemas. Para ele o sistema “é um conjunto de fenômenos que se processam mediante fluxos de matéria e energia” Em sua opinião [...] “o conceito de sistema é, atualmente, o melhor instrumento lógico de que dispomos para estudar os problemas do meio ambiente” (Tricart, 1977, p. 19).

Outro importante geógrafo da Escola Francesa foi Deffontaines (1894 – 1978), este geógrafo viveu no Brasil na década de 1930. No ano de 1935/36, fundou o curso de geografia na Universidade de São Paulo. Quanto a sua contribuição na geografia da paisagem, seus estudos enfocavam sobre as vertentes, especialmente sobre as diferenciadas características morfológicas e paisagísticas, dependendo de seus atributos físicos. Abordava também sobre o importante papel do meio ambiente na atividade humana, bem como do impacto causado pelo homem no ambiente físico e os fatores que influenciaram a criação da paisagem.

Atualmente ainda em destaque na escola francesa, é evidenciado o trabalho do renomado Georges Bertrand; este geógrafo, dentro da diversidade conceitual em que se encontra o termo paisagem, deu outra visibilidade a este, fundamentado nos estudos dos geógrafos russos sobre geossistemas.

Considerando a paisagem como uma entidade global, admite-se implicitamente que os elementos que a constituem participam de uma dinâmica comum que não corresponde obrigatoriamente à evolução de cada um dentre eles tomados separadamente. Somos levados então a procurar os mecanismos gerais da paisagem, em particular no nível dos geossistema e dos geofácies (Bertrand, 1972, 2004, p. 148).

Para Bertrand (2004), o problema nos estudos da paisagem é de ordem epistemológica, tanto que para ele, o conceito de “paisagem” ficou quase estranho à geografia física moderna e não tem suscitado nenhum estudo adequado. Na verdade, implica numa reflexão metodológica e pesquisas específicas, um pouco alheia, à geografia física tradicional. Essa era uma preocupação não só dele, mas de outros pesquisadores que passaram a ver uma saída na abordagem sistêmica com o Geossistema, era nesse modelo que pensavam em construir uma geografia naturalista com a integração de vários atributos da paisagem (Massoquim, 2010):

A gente não pode mais atualmente separar a evolução do relevo do meio climático e biogeográfico nem romper a unidade do meio físico (...) Não se trata de estudar separadamente, como a gente fazia antigamente, o relevo, o clima, a vegetação, as águas, mas o complexo que eles formam (...) o estudo definiria as unidades naturais que constituem a região e suas relações” (François Taillefer, carta escrita para G. Bertrand em 24/12/1960).

## **SÍNTESE DA PAISAGEM PARA OS GEÓGRAFOS**

Para Christofolletti (1999), foi sob a perspectiva científica de Humboldt, naturalista alemão (do século XIX), que a paisagem se torna um conceito científico. Em sua “Viagem às regiões equinociais” (expedição realizada entre 1799 a 1804), Humboldt observou a diferenciação espacial a partir dos aspectos da vegetação, ressaltando a fisionomia da paisagem, dessa forma atribuiu-se a ele o primeiro uso geográfico do conceito.

Contudo, o termo paisagem na Geografia também é uma palavra antiga (França *et al.*, 2020, p. 6). O termo paisagem tem sido utilizado e discutido há muito em diversos campos do conhecimento.

No aspecto geográfico não foi diferente, sendo esta expressão considerada antiga, pois, de acordo com Troll (1982), o termo alemão que se refere à paisagem – *Landschaft* – existe há mais de um milênio e tem uma evolução linguística muito significativa. O mesmo autor, contudo, salienta que “somente a geografia deu ao seu uso um valor científico, transformando-o em eixo de toda uma teoria da investigação” (Troll, 1997, p. 2).

Ademais, outras ciências também desenvolveram noções de paisagem dentro de seu campo de estudo, mesmo que com visões e expressões diferentes:

Para o sociólogo ou o economista, a paisagem é a base do meio físico, onde o homem em coletividade a utiliza, ou não, e a transforma segundo diferentes critérios. Para o botânico ou ecólogo, a paisagem significa, antes de tudo, um conjunto de organismos num meio físico, cujas propriedades podem ser explicadas segundo leis ou modelos, com ajuda das ciências físicas ou biológicas (Maximiano 2004, p. 87).

Roberto Lobato Correia, a respeito de Sauer, diz que a paisagem é o campo da Geografia, especialmente porque a geografia não existe dissociada da prática:

porque é uma importante seção da realidade ingenuamente perceptível e não uma idéia sofisticada. A Geografia assume responsabilidade pelo estudo de áreas porque existe uma curiosidade comum acerca desse assunto. O fato de cada estudante saber que a Geografia fornece informações sobre diferentes países é suficiente para estabelecer a validade de tal definição (Rosendahl; Corrêa, 1998, p. 15).

Porém, para que uma paisagem possa ser vista como geograficamente, é preciso estabelecer relações sociais e econômicas de períodos passadas e atuais, “pois esta se encontra em processo constante de desenvolvimento ou dissolução e substituição” (Rosendahl; Corrêa, 1998, p. 42), responsáveis pelo retrato de um lugar no espaço geográfico.

Como reflexo do espaço, as paisagens modificam-se e para que se compreenda essa modificação é necessário conhecer as relações físicas econômicas e sociais que ocorreram neste espaço. Pode-se dizer que, a evolução do homem na sociedade, acontece quando ele começa a produzir e consequentemente transformar a natureza (paisagem). Essas modificações são de suma importância para se entender as ações humanas no desenvolvimento, pois o homem se apropria de porções do espaço para modificá-lo.

É por esse fato que concomitante a Corrêa, Passos (2000, p. 13) diz: “[...] em todo estado de causa, a paisagem, sobretudo considerada no seu aspecto dinâmico de processos paisagísticos, deve ser estudada como um polissistema formado pela combinação dos sistemas natural, social, econômico e cultural”.

Nesse sentido a ideia de paisagem destes autores destacados neste trabalho, se conectam quando convergem ao dizer que [...] “tudo aquilo que nós vemos, o que nossa visão alcança, é a paisagem. Esta pode ser definida como o domínio do visível, aquilo que a vista abarca. Não é formada apenas de volumes, mas também de cores, movimentos, odores e sons” (Santos, 1988, p. 61).

A paisagem é confundida muitas vezes com a natureza - a esse respeito Modesto Passos expressa bem a concepção de Humboldt quando diz: “mas, a natureza não é a paisagem. De um lado, a natureza existe em si, enquanto que a paisagem existe somente em relação ao homem, na medida em que este a percebe e a elabora historicamente” (Passos, 2003, p. 47). Porém, em razão da capitalização dos meios de produção, essa transformação no âmbito da paisagem não é só histórica, acontece de maneira a beneficiar poucos, e principalmente de forma a alterar-se.

Assim, a paisagem está intimamente ligada a uma nova maneira de ver o mundo como uma criação racionalmente ordenada designada e harmoniosa, cuja estrutura e mecanismo são acessíveis à mente humana. Assim como ao olho, e agem como guias para os seres humanos em suas ações de alterar e aperfeiçoar o meio ambiente (Gosgrove, *apud* Rosendahl; Corrêa, 1998, p. 99).

Conforme se constatou durante os tópicos destacados neste trabalho, a importância do termo paisagem para a ciência geográfica tem variado muito, neste sentido é muitas vezes confundida com outras categorias de análise da Geografia, relegada pelos conceitos de região, espaço, território e lugar, e ainda, por muitas vezes, fica relegada a outras ciências. Sobre isso, Modesto Passos argumenta que [...], “mesmo na Alemanha [...], a paisagem não se impõe como objeto de pesquisa e, mais frequentemente, deriva para a História, a Ecologia, a Sociologia ou a Tecocracia” (Passos, 2003, p. 43).

Hoje a paisagem volta a ser palco de calorosas discussões, principalmente na Geografia Cultural, na qual a Geografia é vista como o estudo das paisagens. Porém, é na Geografia Humanística que se retoma os conceitos de paisagem, região, território, natureza, lugar e sociedade, embora fosse, com maior ênfase, enquanto categorias de análise. Esse interesse mais abrangente que surge hoje na sociedade se deve especialmente, às relações dos indivíduos e da coletividade

como um todo, em relação às questões ambientais. Isso leva a uma tomada de consciência - se paisagem é tudo, então as paisagens são vítimas da dinâmica de todo o processo de mudança, no qual o homem está intrínseco:

O retorno à noção de paisagem é movido pela necessidade do entendimento da relação entre o vivido e a representação no processo de produção do espaço, partindo da premissa que o viver é um apropriar-se de um espaço; é também representar um vivido, ocorrendo entrelaçamentos entre o viver, o vivido e as representações da paisagem que merecem ser melhor analisadas (Paganeli, 1998, p. 4, *apud* Luiz, 2001, p. 34).

Entretanto, somente a observação de um ponto da terra com seus elementos naturais, não mais satisfaz, levando assim os estudiosos a reflexões cada vez mais profundas a cerca do assunto. Na medida em que os meios e modos de produção evoluem, novas formas de paisagem vão sendo construídas para atender a interesses maiores.

Nesse sentido, se pesar em voltar ao início das discussões sobre o estudo de paisagem enquanto sistema, Georges Bertrand também fala da dialética na paisagem. Se na dialética se entende o movimento, a contradição, então a paisagem envolve a dinâmica, os processos, as mudanças, onde o homem sempre esteve presente:

As ações do homem se expressam por si mesmo na paisagem cultural. Pode haver uma sucessão dessas paisagens com uma sucessão de culturas. Elas se derivam em cada caso da paisagem natural, com o homem expressando seu lugar na natureza como um agente distinto de modificação. De especial importância é aquele clímax de cultura a que chamamos civilização. A paisagem cultural então é sujeita a mudança pelo desenvolvimento da cultura ou pela substituição de culturas (Rosendahl; Corrêa, 1998, p. 43).

A paisagem é sempre heterogênea, isto é, formada por elementos naturais e culturais. Quanto mais transformada está a paisagem, mais se destacam seus elementos culturais. Além de heterogênea, a paisagem varia de um lugar para outro, pois, em cada um deles, há uma determinada combinação de elementos. Mas, toda paisagem revela o conjunto de técnicas com que os

homens produziram o espaço: "Não podemos formar uma idéia de paisagem a não ser em termos de suas relações associadas ao tempo, bem como suas relações vinculadas ao espaço. Ela está em um processo de desenvolvimento ou dissolução e substituição" (Rosendahl; Corrêa, 1998, p.42).

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Este foi um estudo acerca da evolução do conceito de Paisagem dentro da Ciência Geográfica, bem como em outros campos do saber que utilizam este conceito. A ciência geográfica ao longo de sua evolução passou por diferentes debates sobre seu objeto de estudo, todas relacionadas ao modelo de mundo vivido, mas também, permaneceu por algum tempo sem um objeto que lhe oferecesse esta sustentação. Ao que foi possível observar, foi por volta do ano de 1900, que a Geografia adotou o objeto 'PAISAGEM', a Ciência da Paisagem.

Mas, dentro de sua trajetória, o conceito de paisagem variou muito ao longo do tempo, usufruiu de épocas de grande prestígio, com outras em que o conceito ficou relegado a confusões semânticas. Foi relevante para muitos autores, de variadas áreas, assim como também o conceito é polêmico, especialmente quando se trata de dicotomia Geografia física/humana (sem falar das inúmeras vezes que paisagem era vista somente como senso comum ou uma representação bonita, lembrando os velhos tempos de escola, que quando solicitado ao aluno que interpretasse uma paisagem. A noção que ele tinha era do Sol, do mar, da vegetação, na qual raramente aparecia o homem ou suas habitações).

Considera-se que com a evolução da sociedade, a dinâmica acelerada que acarretou significativa mudança no Espaço Geográfico, os conceitos também evoluíram através do tempo histórico hoje (século XXI). O conceito de paisagem tomou novos rumos, não só pelas mudanças dos espaços naturais em virtude das diferentes formas de uso da terra, mas também das diferenças culturais que foram se concretizando, assimilando outros valores e criando novas paisagens entre o natural e o cultural. As paisagens de belezas exóticas deixaram de ser só os naturais - criaram-se novas paisagens com essa mesma beleza representadas

pelas diferentes culturas, de forma a ser abordada também pelas várias áreas de conhecimento que trabalham com o termo paisagem.

Contudo, todas têm em comum a mesma responsabilidade, até porque, constata-se que o mesmo homem que cria paisagens deslumbrantes, também é o responsável por originar paisagens degradadas ou vitimadas, sejam elas natural ou cultural.

Portanto, considera-se que 'paisagem' é mais do que uma dada porção da superfície terrestre agradável aos nossos olhos, ela nos mostra mais do que isso, mostra que é por intermédio dos seus objetos manifestados no Espaço Geográfico, que é possível vislumbrar a cultura de cada sociedade em geral e das comunidades em especial. Mas, é também por conta desses objetos inerentes que podemos observar a morfologia da paisagem natural, mesmo considerando que da paisagem natural pouco restou (uma vez que tem sido transformada pelo homem) - sabe-se que a morfologia nos dita as formas, e, regra geral, as formas nos dita a essência.

Contudo, para alguns autores pós-modernos a paisagem é sempre a materialização de um momento da sociedade. Proposição que também deve ser considerada nesse momento de significativas mudanças, em que se unindo à subjetividade, a paisagem é sempre um conceito cultural, no sentido antropológico do termo, uma criação humana e uma forma de descrição do espaço.

## REFERÊNCIAS

BALDIN, Rafael. Sobre o Conceito de Paisagem. **Geográfica**. Paisag. Ambiente: Ensaios, São Paulo, v. 32, n. 47, e180223, 2021.

BERTRAND, Georges. Paisagem e Geografia física global. Esboço metodológico. **Revista RAÍÇA**, Editora UFPR, Curitiba/PR, n. 8, p. 141-152, 2004.

BERTRAND. Georges; BERTRAND, Claude. **Uma Geografia Transversal** – e de travessias (O meio ambiente através dos territórios e das temporalidades) (Univesité de Toluouse-Le Mirail / France). PASSOS. Messias Modesto dos, (org.) Maringá: Massoni, 2007.

BARBOSA. Liriane Gonçalves; GONÇALVES. Diogo Laercio. A paisagem em

geografia: diferentes escolas e abordagens. **Élisée**, Rev. Geo. UEG – Anápolis, v. 3, n. 2, p. 92-110, jul./dez. 2014.

CHRISTOFOLETTI, A. **Modelagem de sistemas ambientais**. 1. ed. São Paulo: Edgar Blucher, 1999.

CLAVAL, Paul. **A Paisagem dos Geógrafos**. Tradução: Marcia Trigueiro. Sorbonne: Universidade de Paris IV, 2004.

CLAVAL, Paul. A paisagem dos geógrafos. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny (orgs.). **Paisagens, textos e identidade**. p. 13-74. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2004.

COSGROVE, Denis. A geografia está em toda parte: cultura e simbolismo nas paisagens humanas. In: CORRÊA, R.L.; ROSENDAHL, Z. (org). **Paisagem, tempo e cultura**. 2 ed., Rio de Janeiro: UERJ, 2004.

CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny (org.). **Paisagem, Tempo e Cultura**. Rio de Janeiro: UERJ, 1998.

CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny (org.) **Paisagem, Textos e Identidade**. Rio de Janeiro: UERJ, 1998.

CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny (org.) **Introdução à geografia cultural**. Rio de Janeiro. Bertrand, 2003.

CORRÊA, Roberto Lobato. **Região e organização espacial**. 7 ed. São Paulo: Ática, 2000.

DEFFONTAINES, Pierre. **Larouse Encyclopedia of World Geography**, 1964.

DEFFONTAINES, P. **Geografia humana do Brasil**. Rio de Janeiro, 1940.

FERRAZ, Maíra Kahl. **Origem e utilizações do conceito de paisagem na geografia e nas artes** – Instituto de Geociências da Universidade de Campinas (IG-UNICAMP).

FRANÇA, D.V.B; SILVA, Q.D.; LEAO, C.A. **Fundamentos epistemológicos do conceito de paisagem**: Uma Breve Análise da Trajetória Geográfica. Contexto & Educação, Unijui, 2020.

JELLYCOE, G.; JELLYCOE, S. **El paisaje del hombre**: la conformación del entorno desde la prehistoria hasta nuestros días. Barcelona: Gustavo Gili, 1995.

LUIZ, Ângela. **Paisagem**: representação e interpretação: uma análise da

paisagem no ensino de geografia. Dissertação. Universidade de São Paulo. São Paulo, 2001.

MAXIMIANO, Liz Abad. **Classificação de paisagens no norte de Campo Largo – Paraná, segundo sua condição socioambiental**. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Paraná. Curitiba, 2002.

MAXIMIANO, L. A. Considerações sobre o conceito de paisagem. **R. RA´E GA**, Curitiba, Editora UFPR, n.8, p. 83-91, 2004.

MOURA Danieli Veleda; SIMÕES Christian da Silva. A evolução histórica do conceito de paisagem. **Revista Ambiente & Educação**. v. 15, n. 1, 2010.

MORAES, Antonio Carlos Robert. 19 ed. **Geografia: pequena história crítica**. São Paulo: Annablume, 2003.

MORAIS, Fernando; ERTZOGUE, Marina; RIBEIRO, Reuvia de Oliveira. Paisagens brasileiras do século XIX: cotidiano e desafios dos viajantes naturalistas. **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**. n. 84., p. 162-179, abr. 2023,

MYANAKI, Jacqueline. **A paisagem no ensino de geografia: uma estratégia didática a partir da arte**. Dissertação de Mestrado FFLCH-USP, São Paulo, 2003.

NAME, Leo. O conceito de paisagem na geografia e sua relação com o conceito de cultura. **GeoTextos**, POSGEO-FFBA, Bahia, v. 6, n. 2, p. 163-186, dez. 2010.

PASSOS, Messias Modesto dos. **A Construção da Paisagem de Mato Grosso – Brasil**. Presidente Prudente: UNESP, 2000.

PASSOS, Messias Modesto dos. A construção da paisagem no Pontal do Paranapanema – uma apreensão geo-foto-gráfica. **Terra Livre: movimentos sociais: multiplicidade teórica e metodológica**. São Paulo, v.2, n. 21. p. 193-211, 1998[?].

PASSOS, Messias Modesto dos. **Biogeografia e Paisagem**. 2. ed. Presidente Prudente: Edição do Autor [ou Maringá: Ed. UEM], 2003. 264p.

RIBEIRO, Antonio Giacomini. **Paisagem e organização espacial na região de Palmas e Guarapuava**. São Paulo, 1989. Tese (Livre-docência em geografia). Universidade de São Paulo, 1989.

RISSO. Luciene Cristina. Paisagens e Cultura: uma reflexão teórica a partir do estudo de uma comunidade indígena amazônica. **Espaço e Cultura**, UERJ, RJ,

n. 23, p. 67-76, jan./jun. 2008.

SCHIER, Raul Alfredo. Trajetórias do conceito de paisagem na geografia. Curitiba, n.7. p. 79-85, 2003. **Revista Eletrônica da UFPR**. Disponível em: <http://ojs.c3sl.ufpr.br/ojs2/index.php/raega/article/viewFile/3353/2689>. Acesso em: 20 abr. 2008.

SANTOS, Milton. **Metamorfose do Espaço Habitado**. São Paulo: Hucitec, 1988.

SOUZA, Reginaldo José de. **Raia Socioambiental**: uma redefinição baseada na análise da paisagem através do sistema GTP Biogeografia e Paisagem. Tese (doutorado) - Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Tecnologia. Presidente Prudente: [s.n.], 2015, 180f.

STRACHULSKI, Juliano. O percurso do conceito de paisagem na ciência geográfica e perspectivas atuais. **Revista Sapiência**: sociedade, saberes e práticas educacionais – UEG/Câmpus de Iporá, v.4, n. 2, p. 03 - 33 – jul./dez. 2015.

VITTE, Antonio C. **Contribuições à história e a epistemologia da geografia**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.

VITTE. Antonio Carlos. A geografia física: da conformidade-a-fins à paisagem - **Caderno Prudentino de Geografia**. n. 30, p. 37-53, 2008.